

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

ANA QUINTINA DE OLIVEIRA FERNANDES

A NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SÃO CARLOS / SP
2025

Ana Quintina de Oliveira Fernandes

A NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientação: Profa. Dra. Zaira Regina Zafalon

São Carlos / SP

2025

Fernandes, Ana Quintina de Oliveira

A neutralidade da ciência na Ciência da Informação /
Ana Quintina de Oliveira Fernandes -- 2025.
49f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Zaira Regina Zafalon

Banca Examinadora: Nelson Sebastian Silva-Jerez,

Raildo de Sousa Machado

Bibliografia

1. Neutralidade. 2. Neutralidade na ciência. 3. Ciência
da Informação. I. Fernandes, Ana Quintina de Oliveira.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Quintina de Oliveira Fernandes

A NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Data de aprovação: 10 de dezembro de 2025

Dra. Zaira Regina Zafalon

Universidade Federal de São Carlos

Orientadora e Presidente

Dr. Nelson Sebastian Silva-Jerez

Universidade Federal de São Carlos

Membro interno

Ms. Raildo de Sousa Machado

Universidade Federal do Amapá

Membro externo

DEDICATÓRIA

Dedico todo este trabalho ao meu pai, Benê, homem de fé. Ele foi mais que um pai; foi meu amigo, meu exemplo, minha bússola norteadora, que sonhava com este momento. Tudo o que conquisto carrega um pedaço dele, e é a ele que ofereço, com todo meu amor, este resultado.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu Senhor e a Seu Filho, Jesus Cristo, meu salvador, por todo amor, graça e misericórdia derramados sobre minha vida.

Agradeço à minha mãe, por caminhar comigo com força, carinho e presença constante.

Ao meu marido, meu amor e companheiro de alma, sou imensamente grata por cada gesto de apoio, paciência e incentivo ao longo desta jornada. E à minha filha linda, agradeço por me ensinar, com sua existência, a beleza de evoluir e tornar-me uma pessoa melhor.

Agradeço também aos amigos de curso que deixaram essa caminhada muito mais leve.

Enfim, agradeço à minha *captain*, prof. Zaira, por acreditar que eu conseguiria, pelo incentivo e por me acompanhar em todo esse processo.

“A ciência moderna seria inconcebível sem o Deus dos Judeus”.

(Lacan, 1966)

RESUMO

A ciência, como construção humana, está imersa em contextos sociais, históricos e culturais. O debate sobre a neutralidade da ciência tem ganhado notoriedade por questionar a ideia de que a atividade científica é puramente objetiva, livre de valores, interesses e ideologias, tornando-se pertinente indagar se ela pode realmente ser neutra. É nesse panorama que esta pesquisa aborda a neutralidade da ciência, focando em sua relevância para o campo da Ciência da Informação (CI). O estudo tem como objetivo geral analisar estudos sobre a neutralidade científica em publicações da CI, e, para isso, seus objetivos específicos apresentam a relação entre desenvolvimento da ciência e seus produtos, revisam a literatura sobre neutralidade científica e identificam estudos que tratam do tema na área. O referencial teórico, fundamentado em autores como Koyré, Kuhn e Lacan, aponta que o conhecimento científico é inseparável de paradigmas, da teoria e de subjetividades historicamente constituídas. A metodologia da pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório, utilizando procedimentos bibliográfico e documental através da revisão narrativa da literatura. Os resultados mostram que a neutralidade é discutida na CI em três perspectivas principais: epistemológica, ao problematizar os limites da objetividade; ética, ao evidenciar que práticas de organização e representação do conhecimento envolvem escolhas e valores; e aplicada, ao demonstrar que instrumentos e sistemas informacionais não são neutros. Portanto, verifica-se que a neutralidade da ciência não se sustenta como condição real no campo da CI, configurando-se antes como um ideal em tensão com as responsabilidades éticas e sociais da área, e que reconhecer essa não neutralidade é fundamental para que práticas informacionais mais críticas sejam promovidas com transparência e inclusão.

Palavras-chave: neutralidade; neutralidade da ciência; Ciência da Informação; CI

ABSTRACT

Science, as a human construct, is immersed in social, historical, and cultural contexts. The debate about neutrality of science has gained prominence by questioning the idea that scientific activity is purely objective, free from values, interests, and ideologies, making it pertinent to ask whether it can truly be neutral. It is within this context that this research addresses the neutrality of science, focusing on its relevance to the field of Information Science (IS). The study's general objective is to analyze studies on scientific neutrality in IS publications, and, to this end, its specific objectives present the relationship between the development of science and its products, review the literature on scientific neutrality, and identify studies that address the topic in the field. The theoretical framework, based on authors such as Koyré, Kuhn, and Lacan, points out that scientific knowledge is inseparable from paradigms, theory, and historically constituted subjectivities. The research methodology is basic in nature, with a qualitative approach and exploratory character, using bibliographic and documentary procedures through a narrative literature review. The results show that neutrality is discussed in Information Science from three main perspectives: epistemological, by problematizing the limits of objectivity; ethical, by highlighting those practices of knowledge organization and representation involve choices and values; and applied, by demonstrating that informational instruments and systems are not neutral. Therefore, it was possible to verify that the neutrality of science does not hold up as a real condition in the field of Information Science, instead configuring itself as an ideal in tension with the ethical and social responsibilities of the area, and that recognizing this non-neutrality is essential to promote more critical, transparent, and inclusive informational practices.

Keywords: neutrality; neutrality of science; Information Science; IS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Intervalo de ocorrência das publicações	33
Ilustração 1 – Nuvem de <i>tags</i> das palavras-chave do <i>corpus</i> de análise	42
Quadro 1 – Protocolo de busca	26
Quadro 2 – Cronologia dos trabalhos selecionados	31
Quadro 3 – Categoria Epistemologia de análise do <i>corpus</i>	39
Quadro 4 – Categoria Ética de análise do <i>corpus</i>	40
Quadro 5 – Categoria <i>Práxis</i> de análise do <i>corpus</i>	41

LISTA DE SIGLAS

ALA	American Library Association
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
CJF	Conselho de Justiça Federal
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FRSAD	<i>Functional Requirements for Subject Authority Data</i>
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IS	<i>Information Science</i>
ISKO	<i>International Society for Knowledge Organization</i>
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
ORC	Organização e Representação do Conhecimento
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGCI	Programa de pós-graduação em Ciência da Informação
RICI	Revista Ibero-americana de Ciência da Informação
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unirio	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

USP

Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
2.1 O desenvolvimento da ciência e seus produtos	16
2.2 A neutralidade na ciência	22
3 PERCURSO METODOLÓGICO	26
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
4.1 Qualificação do corpus de análise	32
4.2 A neutralidade da ciência nos estudos da Ciência da Informação	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A concepção de que a ciência é neutra, livre de influências externas e conduzida por critérios imparciais e objetivos, tem sido crescentemente questionada por pesquisadores de diferentes áreas, que apontam para a presença de valores, interesses e ideologias nos processos científicos. Ao considerar que a atividade científica é uma construção humana e, como tal, está imersa em um contexto social, histórico e cultural, sendo influenciada por valores, interesses e relações de poder, torna-se relevante questionar até que ponto ela pode ou não realmente ser neutra. O conceito de neutralidade¹ é, em sua essência, uma condição daquele que se abstém de tomar partido, que se mantém neutro; caráter ou qualidade do que é imparcial; imparcialidade (Michaelis; Michaelis, 2024). Autores como Macdonald e Birdi (2020) afirmam que a neutralidade é um compromisso igualitário de não favorecer uma entidade em detrimento de outra.

No campo da Ciência da Informação (CI), esse debate ganha contornos ainda mais relevantes. Isso porque a CI, por lidar diretamente com a produção, organização, mediação e uso da informação, depara-se frequentemente com questões que ultrapassam o âmbito técnico e tocam dimensões éticas, políticas e sociais. Assim, refletir sobre a neutralidade da ciência nesse contexto significa também pensar sobre o papel da informação na sociedade e os interesses que moldam seu acesso e sua disseminação.

Na perspectiva de alguns pesquisadores, a ideia de que a ciência é totalmente neutra não se sustenta. De acordo com Japiassu (1975, p. 43), a objetividade científica no sentido puro é inatingível. O que se faz é um esforço de objetivação, uma constante aproximação do ideal. O projeto científico não pode se basear numa objetividade absoluta porque a subjetividade do pesquisador nunca é totalmente eliminável. Essa objetividade é, na prática, um valor ideológico, já que os objetos de estudo são, na verdade, construídos pela atuação ativa dessa subjetividade. Quando a racionalidade científica tenta se impor como a única forma de razão possível, ela se transforma em ideologia.

¹ Nesta pesquisa, os termos objetividade e imparcialidade serão adotados como sinônimos de neutralidade, em consonância com o emprego desses termos nas obras analisadas.

Segundo Wenzler (2019), a neutralidade no escopo da CI prejudica a capacidade de defender a justiça social. Ela incentiva a covardia moral, consciente ou não, ao permitir que seus profissionais se escondam atrás de falsas alegações de imparcialidade enquanto se rendem diante de um *status quo* injusto.

Em contrapartida, autores como Max Weber defendem que não há neutralidade absoluta na ciência, porém, destacam que existem aspectos importantes a serem considerados. Para Weber, o cientista não deveria ser uma entidade desprovida de valores ou que a ciência operasse num vácuo social. Pelo contrário, ele reconhece a influência inevitável dos valores na escolha dos temas de pesquisa. Ele postula a necessidade de um distanciamento metodológico e de um compromisso com o rigor empírico durante o processo de investigação, a fim de evitar que os valores pessoais do pesquisador contaminassem a validade dos resultados científicos. Weber buscava uma forma de objetividade que, embora não absoluta, fosse a mais elevada possível dentro das ciências sociais, distinguindo claramente o trabalho científico das tomadas de posição políticas ou morais (Wenzler, 2019).

Sendo assim, este trabalho tem como tema a neutralidade da ciência e, como objeto de pesquisa neutralidade da ciência em estudos da Ciência da Informação. Parte daí a questão que direciona esta pesquisa: como a neutralidade é estudada no campo da CI?

Diante desse cenário, analisar os estudos da neutralidade da ciência em publicações científicas da CI é o objetivo geral da pesquisa. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ apresentar a relação entre o desenvolvimento da ciência e a publicação de seus produtos;
- ✓ revisar a literatura sobre a neutralidade na ciência;
- ✓ identificar estudos sobre neutralidade no campo da CI.

O tema proposto mostra-se especialmente relevante nas discussões contemporâneas por abordar questões éticas, sociais e educacionais que fundamentam a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Embora tenham caráter transversal, essas questões ainda são pouco exploradas nas disciplinas da graduação do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Por isso, esta escolha se justifica não apenas pela sua pertinência acadêmica, mas também por estar alinhada aos princípios da ética em pesquisa, que valorizam o respeito à diversidade, ao desenvolvimento sustentável, a equidade e à igualdade de

oportunidades. Além disso, o estudo busca incentivar uma formação mais crítica e consciente, promovendo reflexões e práticas educativas que contribuam para um ambiente acadêmico e social mais inclusivo, participativo e transformador.

A pesquisa, com abordagem qualitativa e natureza básica, tem objetivos exploratórios e faz uso de procedimentos bibliográfico e documental, por meio da revisão narrativa da literatura, sem a pretensão de ser exaustiva. Para a análise de resultados serão adotados métodos de análise de conteúdo categorial, orientada por métodos qualitativos de interpretação textual.

A discussão sobre a neutralidade da ciência se articula de forma direta com uma dimensão essencial da Ciência da Informação: sua contribuição para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente por atuarem na organização, mediação e democratização do acesso à informação. Ao garantir que o conhecimento circule de forma ética, acessível e inclusiva, a CI contribui diretamente para metas como a educação de qualidade (ODS 4), a redução das desigualdades (ODS 10) e o fortalecimento das instituições (ODS 16). As bibliotecas e os profissionais da informação, como agentes de transformação social, promovem a alfabetização informacional, o pensamento crítico e o acesso à informação confiável, elementos essenciais para a tomada de decisões conscientes e sustentáveis. Dessa forma, a CI não apenas apoia o desenvolvimento científico e tecnológico, mas também atua como mediadora entre o saber e a cidadania, favorecendo uma sociedade mais justa, informada e sustentável (IFLA, 2017; UNESCO, 2020).

Ao trazer essa discussão para o campo informacional, busca-se contribuir com uma análise crítica que reconheça os limites da objetividade científica e valorize uma postura mais consciente diante das múltiplas influências que permeiam a produção do conhecimento. Investigar esse conceito no campo da Ciência da Informação permite compreender como os profissionais e pesquisadores da área lidam com essa questão e qual papel ela ocupa nas publicações científicas. Além disso, a pesquisa contribui para ampliar o debate ético e epistemológico na CI, promovendo uma visão mais crítica e contextualizada da atividade científica.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Compreender como a ciência se desenvolveu ao longo do tempo e quais produtos resultaram desse processo permite reconhecer que o saber científico não surge de forma isolada, mas é moldado por valores, contextos e interesses presentes em cada época. Refletir sobre a história e a filosofia da ciência possibilita entender não apenas suas descobertas e avanços, mas também as implicações sociais e éticas que acompanham suas práticas. Nesse contexto, o debate sobre a neutralidade científica ganha destaque ao questionar até que ponto a ciência pode ser realmente imparcial e de que maneira suas dimensões epistemológicas, políticas e morais influenciam a produção e a organização do conhecimento.

2.1 O desenvolvimento da ciência e seus produtos

O desenvolvimento da ciência é um fenômeno complexo, dinâmico e profundamente enraizado nos contextos históricos, culturais e sociais nos quais ela se insere. Na visão tradicional, defendida por autores como Auguste Comte, acreditava-se que a objetividade da ciência surgia da observação rigorosa dos fenômenos. Partia-se da ideia de que esse cuidado metodológico seria suficiente para garantir a neutralidade científica, sustentando a separação entre o pesquisador, visto como sujeito imparcial, e o objeto de estudo (Almeida, 2021). Em contraponto, autores como Alexandre Koyré, Thomas S. Kuhn, Jacques Lacan e outros propuseram compreensões mais críticas e profundas sobre a natureza e o desenvolvimento do conhecimento científico.

Alexandre Koyré (1892-1964) foi um historiador e filósofo da ciência cuja obra é reconhecida por desvendar as transformações intelectuais que moldaram a ciência moderna. Ele argumenta que a chamada Revolução Científica não foi apenas uma sucessão de descobertas ou invenções, mas uma mudança radical no modo como o ser humano passou a pensar o mundo. Em sua obra “Do mundo fechado ao universo infinito”, ele mostra como, no século XVII, a antiga visão de um cosmos ordenado, finito e hierarquizado cedeu espaço para a ideia de um universo aberto, matematicamente regulado e potencialmente infinito. “Pode-se dizer [...] que essa revolução científica e filosófica [...] causou a destruição do cosmos [...] e a sua substituição por um universo indefinido e até mesmo infinito” (Koyré, 2006, p. 13).

Essa virada marcou muito mais do que uma transformação técnica; ela implicou a reconfiguração de categorias fundamentais de pensamento. Machado (2023) observa que Koyré enxerga nesse processo a abertura de um “tempo descontínuo”, no qual antigos referenciais deixam de sustentar-se diante da emergência de novas formas de inteligibilidade. Em outras palavras, a modernidade científica nasce da ruptura, não da continuidade. Para Koyré, a experiência científica é inseparável das teorias que a orientam. Partindo deste pensamento, afirma de maneira contundente: “A experimentação é um processo teleológico cujo fim é determinado pela teoria” (Koyré, 2011, p. 308). Isso significa que não existe experimento “neutro”; toda investigação já parte de um enquadramento conceitual que define o que deve ser observado, medido ou comprovado.

Dessa forma, a herança de Koyré ultrapassa os limites da história da ciência ao enfatizar que a experiência está sempre atravessada pela teoria e que os sistemas de pensamento condicionam nossa relação com o real, Koyré oferece, portanto, instrumentos preciosos para refletir criticamente sobre como lidar com o conhecimento e a informação na contemporaneidade. Todo esse desenvolvimento no pensamento de Koyré, aparece mais profundamente nas obras de Jacques Lacan (1901-1981). Em seu texto “A ciência e a verdade”, ele afirma que a ciência moderna desponta como uma mutação radical: uma nova forma de subjetividade, incorporada no sujeito do *cogito* cartesiano de Descartes, que inaugura um conhecimento fundamentado no discurso científico. “Para a ciência, o *cogito* marca a ruptura com toda certeza condicionada pela intuição [...] é daí que nasce o sujeito da ciência” (Lacan, 1966, p. 873).

[...] a ciência moderna seria inconcebível sem o Deus dos Judeus. O monoteísmo instaura um mundo ordenado em torno de um centro que abre o caminho para a concepção unitária de universo que a ciência promove. O mito bíblico da criação *ex-nihilo* (criado do nada), põe em funcionamento o poder criador do significante, que mobiliza a ciência. Enfim, a mensagem do Deus de Moisés instaura uma nova relação entre verdade e saber, que condiciona esse regime do saber próprio à ciência moderna”, que por sua vez, é inseparável da estrutura da linguagem, pois é o significante que organiza o saber, e esse saber está sempre relacionado a uma posição subjetiva, historicamente constituída. (Lacan, 1966 apud Gault, 2023, p. 157).

Em outras palavras, Lacan acredita que a ciência moderna não poderia existir sem a herança do monoteísmo, ou seja, da ideia de um único Deus criador. Essa visão religiosa trouxe consigo a noção de um mundo ordenado, com um centro e uma lógica que o organiza, o que abriu caminho para a concepção científica de um universo

regido por leis universais. O mito bíblico da criação “a partir do nada” mostra o poder da palavra criadora: Deus fala, e o mundo passa a existir. Esse mesmo poder simbólico da linguagem está presente na ciência, que também cria e organiza o mundo por meio de seus conceitos e representações. Assim, a mensagem transmitida pelo Deus de Moisés inaugurou uma nova relação entre verdade e conhecimento, na qual a verdade passa a ser algo que pode ser buscado e compreendido racionalmente. Esse modo de pensar, característico da ciência moderna, está profundamente ligado à linguagem, pois é por meio das palavras e dos significantes que o saber se estrutura. E esse saber, por sua vez, nunca é totalmente neutro: ele sempre expressa a posição histórica e subjetiva de quem o produz.

Lacan, em sua interlocução com a ciência moderna, desloca a discussão do campo meramente epistemológico para uma perspectiva estrutural e subjetiva. Diferente do cientificismo positivista, Lacan entende a ciência como uma construção simbólica que opera a partir de um “sujeito dividido”, marcado pela linguagem e pelo desejo. Essa posição rompe com a visão de neutralidade e universalidade do saber científico, colocando em evidência os limites e os efeitos do discurso científico na produção do conhecimento. Essa ideia mostra que a ciência se apoia na formalização, usando símbolos matemáticos e sistemas lógicos para garantir que seus resultados possam ser compreendidos e reproduzidos (Lacan, 1998).

Embora a ciência busque a objetividade, Lacan aponta sua vulnerabilidade: mesmo a matemática, paradigma da formalização, não pode apagar a falta estrutural inscrita no saber. Ele recorre aos teoremas da incompletude de Gödel para mostrar que todo sistema lógico carrega um ponto de não saber, um furo interno (Lacan, 1998). Assim, “[...] não pode haver uma linguagem, nem mesmo a matemática, que possa apagar o sujeito pressuposto na ciência” (Lacan, 1966, p. 875). Essa crítica é decisiva porque recoloca a ciência como um discurso que, ao pretender eliminar o sujeito, o reinscreve de modo sintomático. Portanto, Lacan mostra que a ciência não é um saber neutro, mas um discurso que produz efeitos simbólicos, sociais e subjetivos. Os produtos da ciência, teorias, tecnologias, instrumentos, são inseparáveis dessa lógica: eles carregam não apenas progresso, mas também implicações éticas e políticas que não podem ser apagadas por formalizações.

A virada mais significativa na compreensão da dinâmica científica no século XX foi proposta por Thomas S. Kuhn (1922-1996). Um dos conceitos mais influentes apresentados por Kuhn é o de paradigma, definido como “as realizações científicas

universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares a uma comunidade de praticantes” (Kuhn, 2013, p. 13). Esse paradigma orienta o que Kuhn chama de ciência normal, isto é, a prática científica que se desenvolve de forma estável dentro de um quadro teórico aceito, solucionando problemas específicos sem questionar os fundamentos estabelecidos. Como observa Kuhn (2013, p. 47), “a ciência normal não se destina a produzir novas teorias; é dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma”.

Contudo, anomalias inevitavelmente emergem, fatos ou resultados experimentais que não se ajustam ao quadro vigente. Inicialmente, esses desvios são tratados como erros a serem corrigidos, mas, quando se acumulam, levam a um estado de crise. Nesse momento, “[...] a disciplina entra em um período de insegurança profissional profunda, no qual se discutem as bases fundamentais do campo” (Kuhn, 2013, p. 93). É dessa instabilidade que surgem as revoluções científicas, rupturas que substituem um paradigma por outro. Essa transição, longe de ser um processo puramente racional, envolve elementos sociológicos, históricos e até psicológicos: “A decisão de rejeitar um paradigma é sempre simultaneamente a decisão de aceitar outro” (Kuhn, 2013, p. 93).

Outro ponto importante na obra de Kuhn é a ideia de incomensurabilidade entre paradigmas. Para ele, não existe um critério neutro para compará-los, porque cada paradigma estabelece suas próprias regras de avaliação. Isso significa que o progresso científico não é uma simples soma de conhecimentos que nos aproxima da verdade, mas ocorre de forma descontínua, com cada novo paradigma reorganizando os problemas e soluções de maneira diferente.

A relevância do pensamento de Kuhn vai além da filosofia da ciência; ela atinge áreas como sociologia do conhecimento, epistemologia e comunicação científica. Ao compreender a ciência como um empreendimento humano, permeado por crenças, tradições e comunidades, Kuhn aproxima a prática científica da esfera social. “A ciência não é simplesmente um processo lógico ou empírico, mas também uma atividade profundamente enraizada em contextos históricos e sociais” (Kuhn, 2013, p. 208).

Essa perspectiva permite também refletir sobre os produtos da ciência, teorias, métodos, instrumentos e tecnologias, como resultados condicionados pelos paradigmas vigentes. Durante períodos de ciência normal, os produtos são incrementais; nas revoluções, surgem inovações radicais, que alteram não apenas o

conhecimento, mas as formas de investigação e até mesmo as tecnologias disponíveis.

Assim, Thomas Kuhn não apenas modificou a forma como se compreende a evolução científica, mas também influenciou a maneira como as próprias comunidades científicas se percebem. Seu legado permanece fundamental para compreender que a ciência é, antes de tudo, um processo histórico e humano, marcado por tensões, rupturas e reconstruções.

A ciência moderna trouxe consigo uma transformação também na relação entre teoria e prática, enquanto na Idade Média a técnica era independente da teoria científica, na modernidade as duas passam a caminhar juntas. Os instrumentos científicos tornam-se a materialização da teoria, como o termômetro, o telescópio e o microscópio, que não apenas ampliam a percepção, mas são, em si mesmos, expressões de teorias matemáticas sobre a natureza. Isso explica a aceleração do progresso científico e tecnológico a partir do século XVII, caracterizada pela retroalimentação entre inovação técnica e desenvolvimento teórico.

Essa articulação entre ciência e técnica também amplia os “produtos da ciência”, que vão muito além dos bens materiais ou invenções. Incluem, ainda, transformações no modo de vida, na organização social, na cultura e na economia.

Se a ciência moderna é marcada pela produção contínua de conhecimento especializado, seus produtos precisam ser socializados. A popularização da ciência, portanto, não é apenas uma forma de divulgação, mas uma estratégia de construção de cidadania científica. Piccoli e Stecanela (2023, p. 17) destacam que a comunicação entre ciência e sociedade deve ser pensada em termos de alfabetização científica, disseminação e apropriação crítica do conhecimento, permitindo que os indivíduos compreendam os impactos da ciência em suas vidas e participem das decisões públicas sobre ela.

A ciência evoluiu de forma complexa ao longo do tempo, atravessando mudanças de paradigma, rupturas históricas e transformações na maneira de compreender o mundo. O que antes se baseava na experiência empírica, avançou para um modelo mais teórico, com rigor matemático e com o suporte de instituições dedicadas ao fortalecimento da ciência. Hoje, seus efeitos ultrapassam os laboratórios e universidades: estão presentes na mídia, nas escolas, nas políticas públicas e no cotidiano das pessoas. Mais do que gerar tecnologias e produtos, a ciência molda o

modo de pensar, agir e viver da sociedade, tornando a democratização do conhecimento um aspecto essencial para seus impactos sociais e políticos.

Compreender os produtos da ciência exige considerar suas bases filosóficas, históricas e sociais. Como mostram Koyré, Kuhn e Lacan, a ciência é também um discurso, um modo de subjetivação e uma prática cultural. E como lembram Piccoli e Stecanela (2023, p. 18), seus frutos só se realizam plenamente quando acessíveis, compreensíveis e criticamente apropriados pela sociedade.

Trazendo todas essas reflexões para o campo da CI, é possível afirmar que esses autores oferecem bases teóricas fundamentais para analisar criticamente o papel da informação no desenvolvimento científico e na sociedade contemporânea. Essa constatação se faz relevante porque evidencia que todo sistema de representação do conhecimento é construído a partir de um horizonte conceitual. Assim, classificações, tesouros e ontologias não são neutros; refletem concepções históricas e culturais que orientam a forma como o saber é organizado. A ideia proposta por Kuhn (2013), de que a ciência não progride de forma linear e cumulativa, mas por rupturas que reorganizam problemas e métodos, ajuda, por exemplo, a entender as mudanças ocorridas nos sistemas informacionais ao longo do tempo, que a transição dos catálogos impressos para os sistemas digitais não é apenas tecnológica, mas envolve uma reconfiguração do próprio conceito de acesso e circulação do conhecimento. Além disso, sua noção de incomensurabilidade indica que diferentes modelos informacionais não podem ser comparados por critérios neutros, o que desafia padrões universais e levanta questões sobre interoperabilidade e preservação digital.

Essas contribuições convergem para um ponto crucial: a informação não é um dado bruto, mas um produto social, simbólico e histórico. Na prática, isso implica que os sistemas informacionais não devem ser vistos apenas como ferramentas neutras, mas como dispositivos que participam da construção do conhecimento e das relações de poder. Compreender a historicidade, os paradigmas e a dimensão simbólica que atravessam a ciência é fundamental para uma Ciência da Informação crítica e reflexiva, capaz de lidar com os desafios contemporâneos da sociedade em rede.

2.2 A neutralidade na ciência

A ideia de neutralidade na ciência, embora historicamente promovida como um pilar da objetividade e da imparcialidade, tem sido crescentemente contestada. Desde o Iluminismo e com a ascensão do positivismo no século XVIII, consolidou-se o entendimento de que a ciência deveria ser guiada pela razão, livre de valores subjetivos, crenças pessoais e interesses externos. Segundo Comte (1990, p.89), “[...] o papel da ciência é descrever os fenômenos tal como são, afastando juízos de valor que pertencem ao campo da metafísica”. A ciência, nesse modelo, surgia como um saber puro e autossuficiente, em oposição ao conhecimento fundamentado na fé ou na tradição (Normando *et al.*, 2013).

O mito da ciência como promotora inevitável do progresso e o da ciência pura e imaculada já foi alertado por Japiassu (1977, p. 13) ao afirmar que “[...] o cientista, no mundo atual, saiu da ficção neutralista e com ele, a ciência”. Esse ponto de vista confirma a crescente consciência de que a prática científica está imersa em contextos sociais, políticos e econômicos. A neutralidade age, portanto, tanto na manutenção do *status* dominante quanto na emissão de um valor democrático e livre de vieses. Essa perspectiva marca a importância de se compreender a neutralidade na ciência, visto que, apesar de se mostrar um conceito complexo e incompreendido, seu papel é essencial e deve se fazer presente.

O conceito de neutralidade foi bastante explorado por Macdonald e Birdi (2020), que indicam que, apesar de já ter sido incorporado por várias áreas, inclusive em códigos de ética profissional, o conceito tem forte relação com a abstenção de partido ou posição em dada situação, mas também com a imparcialidade e a prevenção de vieses.

Essa neutralidade formal, no entanto, é constantemente desafiada na prática profissional bibliotecária, o que também é resultado de relações sociais, haja vista que, tanto o Estado quanto a ciência, de maneira inevitável, influenciam e direcionam as preferências sociais. Além disso, aquilo que muitas vezes é apresentado como imparcialidade acaba, na prática, favorecendo determinados valores e modos de vida, ao mesmo tempo em que marginaliza outros, o que leva a um questionamento central: a escolha de temas de pesquisa, metodologias e interpretações carregam inevitavelmente juízos de valor.

Esse ponto de vista corrobora com o que Normando *et al.* (2013) afirmaram: “[...] todas as tecnologias descritas são apresentadas como neutras, pois podem ser utilizadas tanto para o bem quanto para o mal”. Portanto, essa neutralidade é desmentida quando se recorre às decisões éticas, políticas e econômicas que permeiam o desenvolvimento científico.

Aznar *et al.* (2017) alertam para a violação da neutralidade na publicação de resultados científicos. A manipulação de dados, motivada por competição e busca por reconhecimento, revela que mesmo aspectos técnicos da ciência estão sujeitos a influências externas. Assim, a neutralidade deixa de ser uma realidade para se tornar um ideal enfraquecido pelas pressões institucionais e econômicas que moldam a atividade científica.

Esse caráter não-neutro da ciência é ainda mais evidente quando se examina o campo da organização e representação do conhecimento. Convergindo esse conceito de neutralidade ou não-neutralidade da ciência para o campo da Ciência da Informação, Guimarães, Milani e Evangelista (2015) argumentam que a crença na neutralidade é um dos principais problemas éticos da área, pois “[...] a atuação do cientista informacional é subjetiva e, por veicular questões de poder, pode incluir ou afastar comunidades de usuários específicas de sua biblioteca”. Nesse sentido, a neutralidade pode mascarar práticas excludentes e reforçar estruturas de poder.

Wenzler (2019) postula três vertentes de crítica à neutralidade: [1] a postura profissional de imparcialidade prejudica a capacidade dos profissionais da informação de defender a justiça social por meio de seu trabalho; [2] a neutralidade incentiva a covardia moral, consciente ou não, ao permitir que esses profissionais se escondam atrás de falsas alegações de imparcialidade enquanto se rendem diante de um *status quo* injusto; e [3] a neutralidade da biblioteca significa apoiar os fortes contra os fracos, os opressores contra os oprimidos e a maioria contra os marginalizados. A omissão, portanto, também é uma forma de posicionamento político.

Fato é que, embora a neutralidade ainda seja vista como ideal regulador da ciência, é preciso reconhecer seus limites práticos e teóricos. Como afirmam Bernardino *et al.* (2021), escolher uma ciência não-neutra “[...] é optar por uma prática crítica, anticolonialista, antirracista, feminista, transgressora e libertadora”. Isso não significa abandonar a objetividade, mas assumir que a produção do conhecimento exige responsabilidade ética, social e política. O desafio contemporâneo, então, não está em negar a objetividade, mas em compreender que ela é compatível com o

compromisso com a justiça e com a transformação social, levando em conta que a ciência moderna não é independente do meio social em que está inserida e, portanto, não é neutra em relação aos conflitos, disputas e ideologias inerentes à sociedade.

No âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, esse ideal foi traduzido na defesa de que as bibliotecas deveriam ser espaços neutros, comprometidos com o livre acesso à informação. David Berninghausen, por exemplo, defendia que a neutralidade era condição fundamental para proteger a liberdade intelectual, ainda que os profissionais, como cidadãos, tivessem suas próprias posições políticas (Wenzler, 2019). Essa perspectiva foi reafirmada em códigos de ética internacionais, como os da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e da American Library Association (ALA), que preconizam a imparcialidade e a não discriminação no trabalho bibliotecário (Macdonald; Birdi, 2020).

Do ponto de vista epistemológico, Hjørland (2020) evidencia que todo sistema de organização do conhecimento, sejam classificações, tesouros ou algoritmos de busca, reflete escolhas teóricas e culturais, impossibilitando a neutralidade absoluta. Ele ressalta que metodologias apresentadas como “apolíticas” frequentemente ocultam formas de “violência epistêmica”, como apontam também epistemologias feministas. Isso significa que o que se apresenta como objetivo e técnico pode encobrir visões de mundo excludentes.

Esse debate se reflete diretamente na prática profissional. Enquanto uma vertente reafirma a neutralidade como valor tradicional e central à identidade bibliotecária (Macdonald; Birdi, 2020), outra aponta que assumir neutralidade pode equivaler à omissão diante das desigualdades estruturais (Wenzler, 2019). Para a Ciência da Informação, as consequências são claras: as formas de organizar, classificar e disponibilizar informações envolvem decisões sobre inclusão, exclusão, terminologias e vozes priorizadas (Ojennus, 2020). Isso impacta não apenas os catálogos e sistemas de busca, mas também o papel das bibliotecas enquanto instituições democráticas.

Portanto, a neutralidade da ciência na Ciência da Informação não deve ser entendida como uma condição absoluta, mas como um campo de tensão entre ideais de imparcialidade e a necessidade de engajamento crítico. Mais do que sustentar uma neutralidade ilusória, o desafio contemporâneo é reconhecer os vieses inevitáveis e assumir a responsabilidade ética de construir práticas informacionais mais

transparentes, diversas e inclusivas, alinhadas a uma perspectiva de justiça cognitiva e social.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa, com natureza básica e abordagem qualitativa, conta com objetivos exploratórios e faz uso de procedimentos bibliográfico, para a tessitura da revisão narrativa, e documental. Para a análise de resultados serão adotados métodos de análise de conteúdo categorial, orientada por métodos qualitativos de interpretação textual.

No que se refere à sua natureza, trata-se de uma pesquisa básica, cujo objetivo é a gerar novos conhecimentos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Conforme ressalta Gil (2017), esse tipo de investigação objetiva a fundamentação para o progresso científico, criando a base de informações para futuras pesquisas e aplicações.

No tocante à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois privilegia a interpretação de sentidos e significados, em vez da quantificação de dados. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2012), opera no universo dos significados, valores e crenças, permitindo uma análise aprofundada de fenômenos sociais e discursivos. Essa perspectiva revela-se adequada para investigar como a neutralidade da ciência é representada e problematizada em publicações da área de CI.

Considerando os objetivos, o estudo assume caráter exploratório, visto que busca ampliar a compreensão acerca da temática, oferecendo subsídios para investigações futuras. Como explica Gil (2017), pesquisas desse tipo são especialmente indicadas quando se pretende tornar um problema mais explícito ou identificar novas possibilidades de análise.

Para alcançar tais propósitos, optou-se por procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental, desenvolvidos por meio de uma revisão narrativa da literatura. Esse tipo de revisão, como esclarece Rother (2007), permite descrever e discutir o estado da arte de determinado tema, sem a obrigatoriedade de esgotar toda a produção existente, mas privilegiando estudos significativos. Essa escolha metodológica possibilita uma visão ampla e crítica sobre a presença da neutralidade da ciência nas produções da área.

Finalmente, os resultados foram elaborados adotando-se a análise de conteúdo categorial que constitui um processo científico que busca transformar informações empíricas em interpretações significativas e teoricamente fundamentadas. Segundo

Sampaio e Lycarião (2021, p. 6), essa técnica é “[...] baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos”; essa perspectiva reforça seu caráter metodológico e sua aplicabilidade nas diversas áreas das ciências humanas e sociais. Ao articular a análise de conteúdo com a abordagem qualitativa, torna-se viável compreender não apenas a frequência de termos ou ideias, mas sobretudo os sentidos e interpretações atribuídos ao conceito de neutralidade da ciência nos estudos da Ciência da Informação.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada por meio de um mapeamento sistemático da literatura científica, adotado com o objetivo de identificar, reunir e analisar estudos que abordem a neutralidade da ciência no campo da Ciência da Informação. O propósito desse levantamento é compreender como essa noção tem sido tratada nas publicações científicas da área, quais são os principais autores que discutem o tema, em que contextos as pesquisas são desenvolvidas e quais tendências teóricas e metodológicas se destacam.

O processo de coleta de dados seguirá o protocolo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Protocolo de busca

Protocolo de busca	
Objetivo:	Identificar pesquisas sobre a neutralidade da ciência no âmbito da ciência da informação.
Pergunta norteadora:	Quais são os estudos sobre neutralidade da ciência na Ciência da Informação no Brasil?
População:	Publicações científicas, em texto completo, na área de Ciência da Informação.
Intervenção:	Publicações científicas revisada por pares
Controle:	Publicações científicas em texto completo
Resultados:	Extrair, agregar e apresentar os dados do mapeamento
Aplicação:	Os dados do levantamento bibliográfico fornecerão subsídios para a definição do resultado da pesquisa
Palavras-chave:	neutralidade, "ciência neutra", neutrality, "science neutrality", "neutral science"
Critério de busca:	Palavras-chave e sinônimos presentes nos campos título, palavra-chave (ou assunto) e resumo das bases de dados selecionadas.
Idioma:	Todos os idiomas dos textos recuperados, sem restrição
Métodos de seleção:	Montar expressão de busca; Aplicar as expressões nas bases definidas para a realização da pesquisa; Exportar os dados das publicações; Importar os dados em uma planilha eletrônica; Elaborar gráficos e tabelas que auxiliarão na apresentação na análise dos dados.
Bases de dados:	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Critério de inclusão:	Artigos de eventos, artigos de periódicos, livros, teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do campo da Ciência da Informação, disponível em texto completo, revisado por pares, com atenção temática à neutralidade da/ciência, ou suas variações, no título, no resumo, ou nas palavras-chave.
Critério de exclusão:	Publicações científicas recuperadas e que não atendam aos critérios de inclusão.
Tipos de documentos:	Artigos de periódicos, artigos de eventos científicos, dissertações, teses e livros.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A população considerada nesta pesquisa é composta por publicações científicas em texto completo na área de Ciência da Informação. Isso significa que o estudo se voltou exclusivamente a materiais que já passaram por um processo formal de avaliação e publicação, estando integralmente disponíveis para leitura e análise. Tal escolha garantiu não apenas a acessibilidade do conteúdo, mas também a confiabilidade e a qualidade dos dados, uma vez que apenas textos revisados por pares foram incluídos. Essa exigência reforça o compromisso do estudo com a credibilidade científica e assegura que as informações analisadas tenham respaldo metodológico e teórico consistente.

Adotar publicações em texto completo como critério de controle reitera a importância da ciência aberta e permite a extração completa dos dados do material científico, além de dar condições para a análise aprofundada dos conteúdos; dessa forma, evita-se o risco de interpretações fragmentadas ou incompletas.

As palavras-chave e seus sinônimos desempenharam papel central nesta etapa, pois definiram o alcance e a efetividade das buscas. Foram selecionados os seguintes termos: neutralidade, “ciência neutra”, *neutrality*, “*science neutrality*” e “*neutral science*”. A presença dessas expressões nos campos título, resumo ou palavras-chave das bases de dados permitiu identificar os estudos mais pertinentes ao tema. Além disso, não houve restrição quanto ao idioma das publicações, o que ampliou o espectro da pesquisa e favoreceu a identificação da diversidade cultural e científica dos resultados obtidos.

O processo de seleção dos materiais seguiu uma sequência lógica e sistemática. Inicialmente, elaborou-se a estratégia de busca com base nas palavras-chave definidas. Em seguida, essas expressões foram aplicadas nas bases de dados previamente escolhidas. Os resultados obtidos foram, então, exportados para análise, organizados em planilhas eletrônicas e, posteriormente, representados em gráficos e

tabelas que permitiram uma visualização mais clara e comparativa das informações. Essa metodologia favoreceu tanto a transparência quanto a reprodutibilidade da pesquisa.

As fontes de informação selecionadas são duas bases amplamente reconhecidas e de grande relevância para o campo da CI: a BRAPCI (Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação) e a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). A escolha dessas plataformas se justifica por sua abrangência e credibilidade, já que ambas reúnem uma vasta produção científica nacional, o que as torna ideais para o propósito do estudo.

O protocolo de pesquisa também definiu com clareza os critérios de inclusão e exclusão, assegurando o rigor metodológico necessário. Foram incluídos artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos científicos, livros, dissertações e teses que estavam disponíveis em texto completo, tenham passado por revisão por pares e abordassem o tema da neutralidade da ciência, independentemente da perspectiva enfatizada. Em contrapartida, foram excluídas as publicações que, mesmo recuperadas nas buscas, não atenderam integralmente a esses critérios, evitando-se a incorporação de materiais irrelevantes ou de baixa consistência científica.

Assim, o *corpus* de análise foi formado por uma variedade de documentos, o que garante uma abordagem mais abrangente e plural do tema. Essa diversidade de fontes permitiu compreender a neutralidade científica sob diferentes enfoques, enriquecendo a discussão e contribuindo para uma análise mais profunda e crítica sobre como o conceito é tratado na literatura da Ciência da Informação.

No procedimento de busca foram utilizados os termos previamente definidos no protocolo; não foram aplicados filtros relacionados a coleções específicas nem delimitado um recorte temporal, de modo a permitir uma recuperação mais ampla dos registros disponíveis. A filtragem dos resultados ocorreu apenas nos campos título, palavras-chave (assunto) e resumo, buscando garantir a pertinência dos documentos ao tema investigado.

Os resultados obtidos na BRAPCI, em busca realizada no dia 08 de outubro de 2025, foram os seguintes: 74 registros foram recuperados com o termo “neutralidade”, dos quais 56 são artigos de periódicos, 17 são trabalhos de evento e um é livro; não se obteve retorno com os termos: “ciência neutra”, “*neutrality*”, “*science neutrality*” e “*neutral science*”. Os registros recuperados (74) foram exportados para uma planilha eletrônica, a fim de possibilitar a análise e seleção conforme sua relevância para o

estudo, adotando-se critérios indicados no Protocolo. Em uma etapa preliminar, analisou-se a ocorrência do termo neutralidade nos campos título, resumo e palavras-chave. Observou-se que o termo aparecia simultaneamente nos três campos em cinco registros; no título e no resumo em dois; no título e nas palavras-chave em um; no resumo e nas palavras-chave em nove; exclusivamente no título em três; apenas nas palavras-chave em onze; e somente no resumo em 54 documentos. Com base nesse levantamento inicial, procedeu-se ao refinamento da seleção por meio da leitura sequencial dos títulos, das palavras-chave e dos resumos. A leitura dos títulos permitiu a seleção imediata de três documentos; a análise das palavras-chave resultou na inclusão de outros quatro; e a leitura dos resumos possibilitou a seleção de mais seis registros.

Ao final desse processo, foram selecionados 13 documentos para compor o *corpus* de análise da BRAPCI. Os demais 61 registros foram excluídos por não apresentarem aderência ao objetivo central da pesquisa.

Por se tratar de uma base voltada exclusivamente à área da Ciência da Informação, as buscas na BRAPCI demandaram poucos passos para recuperar os registros de interesse. O mesmo, no entanto, não se aplicou à plataforma BDTD.

A busca na BDTD foi realizada em 29 de outubro de 2025 e foi regida pela seguinte configuração na opção “busca avançada”: em “Correspondência de busca”, selecionou-se a opção “TODOS os termos”; para o campo “buscar por”, utilizaram-se os termos “neutralidade”, “ciência neutra”, “neutrality”, “science neutrality” e “neutral science”, combinados pelo operador booleano OR e aplicados aos campos título, assunto e resumo. Essa estratégia resultou em 69 registros, os quais foram exportados para uma planilha eletrônica para análise. Inicialmente, procedeu-se à verificação dos registros a fim de identificar aqueles que haviam sido desenvolvidos em programas de pós-graduação vinculados à área de Ciência da Informação. Constatou-se que grande parte dos registros (58) não continham a indicação do Programa de Pós-Graduação (PPG) em que a pesquisa havia sido desenvolvida; dentre os 11 documentos que tinham esse dado, nenhum era da Ciência da Informação. Com a finalidade de identificar a área dos 58 registros, foi feito o download de todos os trabalhos acadêmicos; entretanto, o resultado se manteve: dentre os documentos analisados, nenhum deles estava vinculado a programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

Esse resultado fez com que o *corpus* de análise desta pesquisa fosse composto por 13 documentos, cuja discussão será apresentada na seção 4.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objetivo desta seção é apresentar a análise dos resultados da pesquisa, com o propósito de interpretar e discutir os dados coletados à luz dos objetivos propostos e dos pressupostos teóricos adotados. Pretende-se oferecer uma compreensão mais ampla e crítica do tema investigado, contribuindo para a construção de reflexões e conclusões consistentes.

A análise mais próxima dos 13 documentos selecionados propiciou a identificação do tipo de material: sete são artigos de periódicos, cinco são trabalhos de eventos e um é livro. O olhar para a tessitura dos resultados foi conduzido a partir de uma abordagem qualitativa, com foco na identificação de convergências teóricas, principais autores mobilizados, contextos de produção e relações estabelecidas entre os estudos.

O processo teve início com uma leitura exploratória de cada documento, a fim de compreender como diferentes pesquisadores dialogam, convergem ou tensionam ideias centrais sobre o tema. O mapeamento, realizado através da leitura exploratória, permitiu identificar as redes teóricas que os conectam, a possibilidade de definição de uma base conceitual comum ou a percepção de estudos que se apoiam em perspectivas divergentes e complementares. Considerou-se o contexto de produção dos artigos, levando em conta o ano de publicação, a instituição de origem dos autores e o periódico ou o evento em que os estudos foram divulgados. Essa contextualização permitiu analisar o percurso e a forma como o tema vem sendo discutido ao longo do tempo.

4.1 Qualificação do corpus de análise

A reflexão sobre a neutralidade científica atravessa diferentes momentos históricos e campos do saber, acompanhando as transformações da própria ciência e suas relações com a sociedade. Desde os questionamentos filosóficos da década de 1970 até as discussões sobre ética, representação e tecnologia digital no século XXI, o tema mostra-se central para compreender o papel social da ciência e da informação. As contribuições de Koyré, Kuhn e Lacan permitem compreender que a ciência se constitui em contextos históricos, paradigmáticos e simbólicos, o que se reflete nas práticas informacionais. Nesse sentido, a neutralidade não se apresenta como uma

condição objetiva, mas como um ideal historicamente construído, permanentemente tensionado pelas escolhas conceituais e técnicas que orientam a produção e a representação da informação.

A seguir, é apresentado o Quadro 2 que mostra a cronologia dos trabalhos, seus autores, afiliação e onde foram publicados.

Quadro 2 – Cronologia dos trabalhos selecionados

Ano	Autoria	Título	Canal de publicação
1977	Hilton Japiassu (UFRJ)	As máscaras da ciência	Revista Ciência da Informação
2002	Renato Dagnino (Unicamp)	Enfoques sobre a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade: Neutralidade e Determinismo	DataGramaZero
2008		Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico: um debate sobre a tecnociência	Editora da UNICAMP (livro)
2010	Nanci Elizabeth Oddone (UFBA) e Vinícios Souza Menezes (UFBA)	Situando a epistemologia social no contexto da ciência contemporânea	XI ENANCIB ² (evento)
2011	Suellen Oliveira Milani (Unesp) e José Augusto Chaves Guimarães (Unesp)	Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica	DataGramaZero
2012	Eliezer Pires da Silva (Unirio) e Evelyn Orrico (Unirio)	Associação de Arquivistas no Brasil na década de 1970	Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)
2015	José Augusto Chaves Guimarães (Unesp), Suellen Oliveira Milani (Unesp) e Isadora Victorino Evangelista (Unesp)	Valores éticos na organização e representação do conhecimento	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência Da Informação
2016	Rita Costa Veiga Zamboni (USP) e Marivalde Moacir Francelin (USP)	Garantia cultural, garantia ética e hospitalidade na organização e representação do conhecimento	XVII ENANCIB
2017	Suellen Oliveira Milani (Unesp)	Uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)	Perspectivas em Ciência da Informação (revista)
2017	Aline Elis Arboit (Unesp)	Representação da função social da propriedade nos tesouros jurídicos brasileiros	IV ISKO Brasil ³ (evento)
2021	Maria Cleide Rodrigues Bernardino (UFCA), Izabel Lima dos Santos (UFC), Hemerson Soares da Silva (UFCA) e Sérgio Rodrigues de Santana (UFSC)	Neutralidade na Ciência: a revista científica como um veículo a favor da comunicação científica aberta e contemporânea	Folha de Rosto

²ENANCIB é o acrônimo de Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, evento anual promovido pela Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Ancib).

³ ISKO Brasil é o acrônimo do Congresso Brasileiro em Organização do Conhecimento, evento bianual promovido pelo Capítulo Brasil da *International Society for Knowledge Organization*.

2023	Denysson Mota (UFCA), Denise Braga Sampaio (UFBA) e Gracy Kelli Martins (UFPB)	Regime de informação e a propagação da desinformação: os desafios do marco civil da internet e da lei das <i>fake news</i>	XXIII ENANCIB
2023	Callu Ribeiro Ferreira Pedreira Andrade Bamberg (UFSC) e Luciane Paula Vital (UFSC)	Concepções de Ginzburg: contribuições possíveis para a ciência da informação	XXIII ENANCIB

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

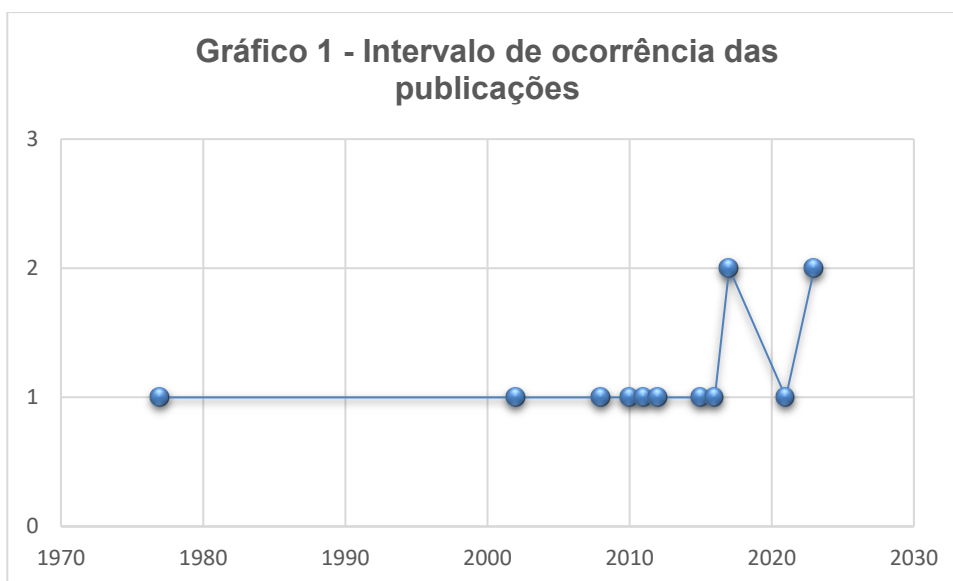
O Quadro 2 reúne trabalhos produzidos entre 1977 e 2023 em ordem cronológica crescente, relacionados à temática neutralidade científica na Ciência da Informação. Essa produção cobre um período de 46 anos, destacando uma linha evolutiva consistente de reflexões críticas sobre o papel social e epistemológico da Ciência e da Informação. Em uma análise prévia, identificou-se que, neste recorte, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é pioneira no tema, seguida pela Universidade de Campinas (Unicamp) que está presente em dois trabalhos. Na sequência aparecem mais oito universidades federais e três estaduais totalizando 13 universidades, todas públicas, das quais três das estaduais são de São Paulo – USP, Unesp e Unicamp. Fica evidente, portanto, a predominância das universidades públicas na produção de conhecimento crítico da área.

Quanto à autoria, identificou-se uma dispersão entre 22 pessoas, dos quais três com mais de uma publicação; são elas: Renato Peixoto Dagnino que é professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atuando nas áreas de políticas públicas, de ciência, tecnologia e inovação (Dagnino, 2025). Cabe mencionar que, embora seu trabalho tenha sido publicado e indexado em uma base exclusiva da CI, a BRAPCI, ele não possui formação ou atuação nesta área; Suellen Oliveira Milani que é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), vinculada aos cursos de Biblioteconomia, Documentação e Arquivologia, além de atuar no programa de pós-graduação em Ciência da Informação da instituição (Milani, 2025). Seus temas de interesse abrangem organização e representação do conhecimento, estudos de usuários, fundamentos da CI e ética na organização da informação; e José Augusto Chaves Guimarães que é bibliotecário formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e também graduado em Direito, integra o programa de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp (Guimarães, 2025). Seus interesses de pesquisa abrangem análise documentária, ética profissional, organização da informação e epistemologia da Ciência da Informação. Diferentemente de Dagnino, Milani e

Guimarães tem formação em CI, trabalham na área e possuem parceria nas pesquisas. Guimarães foi orientador da tese de doutorado de Milani.

O quadro ainda revela publicações em revistas científicas de ampla circulação e eventos acadêmicos consolidados da área. Em destaque, tem-se o evento do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) que aparece com quatro publicações nos anos de 2010, 2016 e 2023, seguido da revista DataGramZero com duas publicações, uma em 2002 e a outra em 2011. Essa análise revela a relevância dos eventos como o ENANCIB e o ISKO Brasil que passam a refletir a diversificação e o crescimento dos estudos em CI. Portanto, as revistas e eventos refletem o amadurecimento e a descentralização da produção científica, mostrando que o debate sobre neutralidade, iniciado há quase meio século, permanece vivo e em expansão, acompanhando as transformações tecnológicas e sociais da era da informação.

Na sequência, é apresentado o Gráfico 1, construído com base nas informações do Quadro 2.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Ao observar a distribuição cronológica no gráfico, é possível identificar três momentos relevantes: o trabalho inaugural sobre o tema é de 1977 e representa a fase inicial e filosófica com críticas a neutralidade da ciência; o segundo momento ocorre após um hiato de 25 anos interrompido pelos trabalhos de Renato Dagnino de 2002 e 2008, seguidos por um período mais consistente de publicações que vai até 2016, mostrando que os debates sobre neutralidade e ética ganharam maior visibilidade e robustez teórica; e um terceiro momento onde ocorrem os picos de 2017

e 2023 revelando um ponto de convergência: todos discutem a ideia de neutralidade na Ciência da Informação, destacando que a informação, seja histórica, jurídica, documental ou digital, é sempre atravessada por valores, interesses e relações de poder.

4.2 A neutralidade da ciência nos estudos da Ciência da Informação

O marco inicial é o trabalho “As máscaras da ciência”, de Hilton Japiassu (1977), que questiona os mitos da ciência pura e da ciência como motor inevitável do progresso. Japiassu rompe com a ideia de neutralidade, introduzindo um olhar filosófico e ético sobre o papel social da ciência. Ele propõe uma visão mais crítica e humana da ciência, entendendo-a como uma prática social, permeada por valores, interesses e responsabilidades. Essa mudança de perspectiva abriu espaço para que temas éticos e filosóficos passassem a integrar a reflexão sobre a Ciência da Informação, agora em âmbito nacional. Mais de duas décadas depois, Renato Dagnino dá continuidade a essa reflexão com os textos “Enfoques sobre a relação ciência, tecnologia e sociedade: neutralidade e determinismo” (2002) e “Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico” (2008). Ele aprofunda a crítica ao discurso tecnocrático, discutindo o vínculo entre ciência, política e economia. Essa transição temporal indica uma retomada das preocupações de Japiassu, agora sob a ótica da tecnociência e da responsabilidade social da pesquisa científica.

A partir de 2010, o debate sobre ética e neutralidade se fortalece dentro do próprio campo da Ciência da Informação. O artigo de Nanci Elizabeth Oddone e Vinícios Souza Menezes intitulado “Situando a epistemologia social no contexto da ciência contemporânea”, inaugura essa nova etapa ao promover um diálogo entre epistemologia social e organização do conhecimento. Esse movimento reforça a ideia de que toda representação da informação é influenciada por contextos sociais, culturais e ideológicos.

Em 2011, Suellen Oliveira Milani e José Augusto Chaves Guimarães publicam “Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica”, onde deixam claro que não há representação neutra. Para eles, tanto a construção de sistemas classificatórios quanto os processos de indexação e catalogação são atravessados por valores culturais, linguísticos e ideológicos. Essa tese se relaciona diretamente com o debate mais amplo sobre a neutralidade científica, pois questiona

a crença positivista na objetividade e universalidade do conhecimento (Milani; Guimarães, 2011, p. 3-4). Assim como a ciência, os sistemas informacionais não apenas descrevem a realidade, mas a produzem simbolicamente, expressando escolhas e visões de mundo. Os autores argumentam ainda que a Organização e Representação do Conhecimento (ORC) deve ser compreendida como uma prática social e política e não técnica ou neutra. Além disso, Milani e Guimarães (2011, p. 5-6) propõem uma ética da representação, em vez de perseguir uma neutralidade impossível, os autores defendem uma prática informacional reflexiva, plural e responsável, em que o profissional da informação reconhece sua participação ativa na construção dos significados e na mediação do conhecimento.

No ano seguinte, Eliezer Pires da Silva e Evelyn Orrico (2012) publicam “Associação de Arquivistas no Brasil na década de 1970”, abordando a dimensão histórica e ética da atuação profissional. O texto ressalta que esse movimento ocorreu em pleno regime autoritário, o que traz em evidência práticas de informação e memória que estão inseridas em disputas de poder, já que, em ambientes politicamente restritivos, decidir o que guardar, registrar ou divulgar é sempre um ato carregado de implicações políticas e simbólicas. Ao relacionar esses elementos à discussão sobre a neutralidade da ciência, observa-se que a própria constituição de uma área técnica é tangenciada por escolhas sociais, políticas e institucionais, o que desmonta a ideia de um desenvolvimento científico puramente neutro. Em 2015, Milani retoma o tema com o artigo “Valores éticos na organização e representação do conhecimento”, reforçando a importância da transparência e da consciência crítica no fazer científico.

O artigo também publicado em 2015 “Valores éticos na organização e representação do conhecimento”, de José Augusto Chaves Guimarães, Suellen Oliveira Milani e Isadora Victorino Evangelista, oferece um panorama profundo sobre como a prática bibliotecária revela, em sua própria estrutura, a impossibilidade da neutralidade da ciência. Os autores afirmam que a atuação do bibliotecário está situada entre a não neutralidade do processo de organização e representação do conhecimento e o compromisso ético em buscar corresponder às necessidades informacionais de uma comunidade usuária culturalmente diversificada. Ao explorar esse campo, o texto evidencia que sistemas classificatórios, linguagens documentárias e práticas de indexação não emergem de um vazio neutro. Mais uma vez, são construídos por sujeitos, instituições, valores e tradições epistemológicas

específicas. Os autores explicam que, ao organizar e representar o conhecimento, o bibliotecário atua em um espaço no qual valores e problemas inerentes às atividades mediadoras entre produção e uso da informação se tornam inevitavelmente presentes (Guimarães; Milani; Evangelista, 2015, p. 19).

Para Rita Costa Veiga Zamboni e Marivalde Moacir Francelin (2017), a relação entre ética, cultura e processos de organização do conhecimento, demonstram que a neutralidade, frequentemente atribuída às práticas classificatórias e aos sistemas de representação na CI, é um mito que encobre estruturas hegemônicas, escolhas culturais e exclusões simbólicas que pode favorecer vieses sociais, culturais e políticos, contribuindo para a marginalização de comunidades discursivas. Essa afirmação reforça que a neutralidade não apenas é ilusória, mas pode se tornar um instrumento que invisibiliza diferenças e reforça desigualdades. O artigo oferece um caminho propositivo ao discutir os conceitos de garantia cultural e garantia ética. A garantia cultural, explicam os autores, “[...] indica que sistemas de organização do conhecimento só atendem adequadamente a uma cultura quando se baseiam nas crenças, valores e predisposições daquela cultura” (Zamboni; Francelin, 2017, p. 18). Essa visão contradiz diretamente a ideia de neutralidade universal e afirma que diferentes comunidades exigem diferentes sistemas informacionais. Reconhecer isso é reconhecer que toda ciência é situada e que não existe representação neutra. Os autores desconstruem definitivamente a ideia de neutralidade científica e informacional.

A autora Suellen Oliveira Milani (2017) em sua publicação “Uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)”, apresenta uma reflexão sobre como a representação de assunto carrega pressupostos teóricos, valores e vieses que desafiam frontalmente a ideia de neutralidade, especialmente no âmbito da Ciência da Informação. A oposição binária da neutralidade versus interesses especiais, que constitui o eixo central da análise, é apresentada como uma construção histórica e discursiva. Milani explica que, de um lado, está a crença do bibliotecário em evitar a interferência de seus valores morais na busca de uma suposta imparcialidade e, de outro, a necessidade deste mesmo profissional realizar julgamentos de valor visando representar melhor comunidades usuárias específicas (Milani, 2017, p. 29). Com isso, ela já estabelece que a neutralidade não é uma condição natural do trabalho informacional, mas uma crença que precisa ser criticamente examinada.

O texto “Representação da função social da propriedade nos tesouros jurídicos brasileiros”, da autora Aline Elis Arboit publicado em 2017, evidencia, por meio da análise dos tesouros do Supremo Tribunal Federal (STF), Superior Tribunal de Justiça (STJ) e Conselho da Justiça Federal (CJF)”, que a neutralidade é um ideal abstrato e, na prática, inviável quando se trata da representação de conceitos jurídicos complexos, especialmente aqueles associados à função social da propriedade. Os instrumentos de representação e organização do conhecimento “não são imunes às transformações sociais, tampouco providos de neutralidade” (Arboit, 2017, p. 307). Essa afirmação insere-se, de imediato, no entendimento de que qualquer produção documental, inclusive tesouros, resulta de um processo sociocognitivo vinculados a valores, escolhas e disputas simbólicas. Além disso, o texto ainda destaca que até mesmo o esforço de parecer neutro pode se tornar um ato ideológico, pois “[...] quem se diz neutro costuma passivamente se deixar levar pelo que é hegemônico” (Rosenzweig, 2008 *apud* Arboit, 2017, p. 308).

Assim, neutralidade e omissão podem coincidir, reforçando estruturas de poder em vez de promover pluralidade. Essa compreensão é inteiramente compatível com a crítica contemporânea à neutralidade científica, que indica que a ciência, longe de ser um espelho do real, é um processo socialmente posicionado e afetado por interesses, posições institucionais, formações ideológicas e práticas discursivas.

“Será a Ciência neutra ou imparcial? Quão neutra é a comunicação científica?” (Bernardino *et al.*, 2021, p. 1). Esse questionamento já indica que a problematização da neutralidade não se restringe apenas à ciência enquanto método, mas também às formas como o conhecimento circula, é validado e se torna acessível à sociedade. Os autores assumem uma posição clara ao afirmar que não é possível separar o sujeito de sua produção, pois pesquisadores, editores e avaliadores carregam sua historicidade, sua visão de mundo e sua ética (Bernardino *et al.*, 2021, p. 1). Essa afirmação ecoa o debate internacional iniciado por autores como Alexandre Koyré, Thomas Kuhn e Jacques Lacan onde argumentam que a ordem discursiva da ciência não é neutra; ela está inscrita em paradigmas, tradições e rupturas epistemológicas. Essa perspectiva assume que produzir ciência é agir politicamente, não no sentido partidário, mas no sentido ético e coletivo: a ciência transforma vidas, orienta políticas, interfere na formação de consciências e atua diretamente no projeto de sociedade atual.

A análise realizada no texto “Regime de informação e a propagação da desinformação: os desafios do Marco Civil da Internet e da Lei das *Fake News*”, dos autores Denysson Mota, Denise Braga Sampaio e Gracy Kelli Martins, apresenta uma reflexão profunda sobre tecnologias digitais, legislação e disputas políticas. Ao mesmo tempo que oferece uma base sólida para discutir um tema que atravessa todo o contexto da impossibilidade de neutralidade da ciência e da tecnologia, especialmente no ambiente informacional mediado por algoritmos. Os autores explicam que muitos estudos tradicionalmente descrevem o algoritmo como uma sequência de instruções executadas pela máquina, usado como argumento para defender uma suposta isenção ou neutralidade (Mota; Sampaio; Martins, 2023, p. 1). Essa constatação toca o cerne de um problema contemporâneo: a crença de que a automatização elimina escolhas humanas, como se máquinas pudessem refletir a realidade de forma objetiva e desprovida de valores. No entanto, é preciso observar o perfil das pessoas que criam esses algoritmos e como isso pode revelar indícios de vieses (Mota; Sampaio; Martins, 2023, p. 1), ou seja, algoritmos carregam marcas de quem os desenvolve, concepções de mundo, prioridades comerciais, desigualdades históricas, e até limitações inconscientes.

E por último, seguindo a ordem cronológica dos textos analisados, tem-se a seguinte publicação: “Concepções de Ginzburg: contribuições possíveis para a Ciência da Informação”, dos autores Callu Ribeiro Ferreira Pedreira Andrade Bamberg e Luciane Paula Vital. Neste trabalho, os autores analisam a circularidade cultural, o paradigma indiciário e a falácia da neutralidade. É especialmente este último que estabelece uma ponte direta com o debate sobre a não neutralidade da ciência, evidenciando que toda produção de conhecimento envolve interpretações, escolhas e influências culturais. Os autores destacam que um dos conceitos centrais de Ginzburg é justamente a falácia da neutralidade (Bamberg; Vital, 2023, p. 1). Segundo os autores, essa afirmação desestabiliza a visão positivista de neutralidade, mostrando que documentos são produzidos por sujeitos inseridos histórica e culturalmente; a escrita, mesmo a mais burocrática, carrega interpretações e fontes são sempre filtradas pela perspectiva de quem produz e de quem lê (Bamberg; Vital, 2023, p. 13). Assim, a Ciência da Informação, ao lidar com sistemas de organização, circulação e preservação do conhecimento, não pode ignorar que tais processos são rodeados por disputas simbólicas e relações de poder.

O conjunto de artigos analisados tem em comum a problematização de um mesmo mito: a ideia de que a ciência e, por extensão, os processos de organização e representação do conhecimento, seriam neutros, universais e livres de valores. Em diferentes recortes históricos, teóricos e aplicados, os textos mostram que tanto a ciência quanto os instrumentos técnicos da Ciência da Informação são influenciados por disputas de poder, escolhas éticas e contextos sociais específicos.

Com base na leitura apurada do *corpus*, e com base no método de análise de resultados a partir de categorias, orientada por métodos qualitativos de interpretação textual, foram definidas as seguintes categorias de análise: epistemologia, ética e *práxis*.

Quadro 3 – Categoria *Epistemologia* na análise do *corpus*

Epistemologia	
Autoria	Ano
Japiassu	1977
Dagnino	2002
Dagnino	2008
Oddone e Menezes	2010
Mota <i>et al.</i>	2023
Bamberg e Vital	2023

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A categoria Epistemologia reúne artigos que discutem as bases teóricas e filosóficas da ciência, abordando como o conhecimento é produzido, legitimado e apresentado como verdade. Neste ponto, a neutralidade é tratada como um mito fundacional da ciência moderna, que precisa ser criticado e revisado. Eles tratam da origem da noção de neutralidade, da crise do modelo moderno e das bases filosóficas que sustentam a crítica a esse conceito. Para embasar este argumento, Japiassu (1977, p. 14) diz que:

Portanto, já temos aqui duas máscaras da ciência, que ocultaram sua verdadeira face e nô-la revelam em seu caráter mitológico: o primeiro mito é o da ciência que conduz necessariamente ao progresso; o segundo, é o da ciência pura e imaculada.

São textos que explicam o porquê de a neutralidade ser inalcançável. Desconstroem a noção de neutralidade na ciência, mostrando como fontes e documentos não estão livres de contaminações e revelam o viés embutido em

algoritmos e regimes informacionais. A suposta imparcialidade da linguagem científica não é realmente neutra. Ela favorece quem já tem poder e silencia quem está à margem. O que é apresentado como neutro representa apenas os interesses e visões de um grupo dominante. Por isso, essa neutralidade é tão abstrata e ilusória que se torna mais metafísica do que os próprios conceitos metafísicos, que já são, por natureza, altamente abstratos (Dagnino, 2002, p. 17). Portanto, esta categoria é o nível mais teórico, pois explica por que não existe neutralidade na ciência, nos registros ou nos sistemas informacionais.

Quadro 4 – Categoria *Ética* na análise do *corpus*

Ética	
Autoria	Ano
Guimarães, Milani e Evangelista	2010
Milani e Guimarães	2011
Zamboni e Francelin	2016
Bernardino <i>et al.</i>	2021

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na categoria *Ética*, é considerado como os mesmos problemas filosóficos da neutralidade aparecem na prática profissional: na indexação, classificação, descrição, representação do conhecimento e uso das linguagens documentárias. Este argumento é validado por Milani e Guimarães (2011, p. 2) quando afirmam que:

[...] discutem-se os aspectos éticos envolvidos na representação do conhecimento a partir de dois vértices: as biases e a não neutralidade do indexador na medida em que ambos interagem - e convergem - para a existência de problemas de natureza ética no âmbito da representação do conhecimento, com inegáveis danos ao usuário.

São textos que mostram que toda operação técnica é também uma operação ética, pois envolve escolhas, valores, exclusões e ênfases. É o nível profissional e ético, que mostra como a neutralidade ou sua ausência afeta sistemas, comunidades e pessoas.

Quadro 5 – Categoria *Práxis* de análise do corpus

<i>Práxis</i>	
Autoria	Ano
Silva e Orrico	2012
Milani	2017
Arboit	2017

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A categoria *Práxis* reúne estudos concretos que mostram como os debates sobre neutralidade e ética se materializam em tesouros, linguagens de indexação, modelos conceituais como FRSAD e instituições profissionais como associações de arquivistas. Os autores mostram que as escolhas conceituais e terminológicas refletem disputas políticas, visões institucionais e posições de poder. Os trabalhos inseridos nesta categoria mostram, portanto, a materialização concreta da não-neutralidade, o momento em que teoria e ética se tornam prática. Como destaca Arboit (2017, p 308) ao afirmar que “a própria atitude de buscar responder com ética e eficiência a uma comunidade usuária por meio de atos praticados por sujeitos responsivos e responsáveis já é um indicativo de não neutralidade”.

A neutralidade da ciência na Ciência da Informação também foi analisada a partir de sua relação com outros temas do campo. Utilizaram-se as palavras-chave dos documentos selecionados, permitindo a construção de uma nuvem de *tags* que evidencia quais assuntos aparecem mais próximos e relacionados à ideia de neutralidade. Sua análise permite, portanto, identificar de forma rápida e visual, quais termos aparecem com maior frequência no conjunto de documentos selecionados e como eles se relacionam entre si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa foi investigar a neutralidade científica no campo da Ciência da Informação, elaborou-se um protocolo de busca que possibilitou realizar um levantamento nas bases BRAPCI e BDTD, a fim de identificar como esse tema vem sendo abordado nas publicações científicas da área.

A análise dos estudos reunidos da BRAPCI ao longo do trabalho mostra que a ideia de neutralidade da ciência não se sustenta no campo da Ciência da Informação. Seja pela perspectiva teórica, seja pelas práticas cotidianas da área, fica claro que a produção, a organização e a circulação da informação são processos profundamente sociais. Eles envolvem escolhas, interpretações, disputas simbólicas e influências culturais e históricas. Por isso, a neutralidade, entendida como ausência total de posicionamento, não apenas se mostra inviável, como também é incompatível com a própria essência das atividades informacionais.

Do ponto de vista teórico, os estudos discutidos mostram que toda forma de conhecimento é dependente do contexto no qual está inserido, sendo produzida a partir de determinadas visões de mundo, matrizes epistemológicas e condições históricas. Essa compreensão dialoga com Koyré, ao evidenciar que o desenvolvimento científico ocorre por meio de rupturas e transformações profundas nas formas de conceber a realidade, o que afasta a ideia de um conhecimento neutro e atemporal. Os sistemas de representação do conhecimento, longe de constituírem estruturas puramente técnicas, manifestam escolhas, intencionalidades e visões de mundo. Termos, categorias e classificações não surgem de modo espontâneo ou neutro; ao contrário, refletem valores, ideologias e perspectivas de quem os produz, aspecto que se aproxima do pensamento de Kuhn de que o conhecimento científico se organiza a partir de paradigmas compartilhados por comunidades específicas. Assim, quando a Ciência da Informação trabalha com sistemas de representação, ela atua como mediadora de sentidos, criando caminhos de acesso e interpretando realidades e, por isso, não pode reivindicar imparcialidade absoluta, uma vez que essas mediações estão sempre situadas histórica e socialmente.

Do ponto de vista profissional, a pesquisa evidencia que a ética se torna fundamental justamente porque a neutralidade é inalcançável. Cada ação do profissional da informação envolve decisões que têm impacto direto na forma como o conhecimento circula. Essas decisões exigem responsabilidade, olhar crítico e

transparência, sobretudo porque, como aponta Lacan, não há produção de saber que elimine completamente a presença do sujeito e de seus efeitos simbólicos. Nesse sentido, a ética não é um complemento, mas uma bússola que orienta o profissional diante das consequências sociais do seu trabalho.

As transformações contemporâneas tornam essa discussão ainda mais pertinente. A expansão das mídias digitais, o crescimento dos fluxos informacionais, a polarização política e o avanço da desinformação mostram o quanto a ideia de neutralidade está obsoleta, isto é, não há espaço para o neutro frente a um oceano de influências e demandas culturais, sociais ou políticas. Esse cenário reforça a compreensão de que os regimes de informação operam sob lógicas específicas de poder e visibilidade, o que exige da Ciência da Informação uma postura crítica diante das condições de produção, circulação e apropriação da informação. Combater *fake news*, lidar com regimes de informação manipulados e enfrentar desigualdades de acesso exige posicionamento crítico, ação consciente e compromisso social. Nesse contexto, a Ciência da Informação reafirma seu compromisso social ao posicionar-se diante dos desafios éticos que atravessam o ambiente informacional.

Reconhecer que a neutralidade é inalcançável não enfraquece a área; pelo contrário, a fortalece. Quando a Ciência da Informação assume que toda prática informacional é também uma prática social, ela se torna mais capaz de identificar e enfrentar desigualdades, evidenciar vieses, revisar sistemas classificatórios excludentes e promover justiça cognitiva. Essa postura está alinhada à compreensão de que o conhecimento não é apenas acumulativo ou técnico, mas atravessado por disputas simbólicas e epistemológicas. Isso permite construir modelos de representação mais inclusivos, políticas informacionais mais responsáveis e práticas profissionais alinhadas ao acesso democrático do conhecimento.

Assim, torna-se evidente que a neutralidade da ciência, no âmbito da Ciência da Informação, não apenas é inatingível, mas insuficiente diante das demandas da atualidade. A área avança justamente quando reconhece sua dimensão ética, crítica e transformadora, reiterando sua importância na construção de sociedades mais justas, informadas e pluralmente representadas.

Quanto a busca feita da BDTD, é válido dizer que o resultado de zero documentos obtidos na busca realizada na BDTD, torna possível considerar que parte das pesquisas que discutem neutralidade da informação, vieses, imparcialidade, objetividade ou ética não utiliza a palavra neutralidade no título, no resumo ou nas

palavras-chave. O que significa dizer também que, embora o conceito esteja presente no conteúdo dos trabalhos, ele não se manifesta nos campos indexados da forma como a pesquisa foi configurada. Assim, quando o filtro da busca exige que os termos apareçam explicitamente entre título, palavras-chave ou resumo, parte da produção relevante é automaticamente excluída. Isto é, a neutralidade aparece como um eixo temático transversal, não como um tema formalizado no vocabulário controlado da área.

Assim, pode-se concluir, a partir dessas reflexões, que o resultado de zero artigos na BDTD não indica falta de debates sobre neutralidade, mas um indício da falta de padronização dos termos; uso de outros conceitos relacionados; discussão implícita, mas não declarada; restrição dos campos de busca ou ainda indexação inconsistente entre instituições. Por outro lado, pode indicar que, ainda que o tema seja discutido na área, o aprofundamento das pesquisas não está sendo nos programas de pós-graduação da CI. O zero não é ausência, mas sintoma. A ausência de resultados expressa mais sobre a forma como a área registra e nomeia seus debates, do que sobre a inexistência do debate em si.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A dimensão do realismo científico: revisitando a objetividade no positivismo de Augusto Comte. **FINOM – Humanidade & Tecnologia**, v. 57, p. 257-279, 2021. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/5986/pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.
- ARBOIT, A. E. Representação da função social da propriedade nos tesouros jurídicos brasileiros. *In*: ISKO BRASIL, 4, 2017, Recife. **Anais [...]**. Marília: ISKO Brasil, 2017.
- AZNAR, F. D. C. *et al.* Neutralidade científica: aspectos éticos na obtenção de resultados. **Revista Latinoamericana de Bioética**, Cajicá, v. 17, n. 2, p. 31-41, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18359/rlbi.1899>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BAMBERG, C. R. F. P. A.; VITAL, L. P. Concepções de Ginzburg: contribuições possíveis para a ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23, 2023, Aracajú. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2023.
- BERNARDINO, M.C.R. *et al.* Neutralidade na Ciência: a revista científica como um veículo a favor da comunicação científica aberta e contemporânea. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 3, p. 1-8, 2021.
- COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1990.
- DAGNINO, R. Enfoques sobre a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade: Neutralidade e Determinismo. **Revista DataGramZero**, v. 3, n. 6, p. 1-37, 2002. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/44741>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- DAGNINO, R. **Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- DAGNINO, R. P. **Perfil institucional**. Portal IGE/UNICAMP. Disponível em: <https://portal.ige.unicamp.br/colaborador/renato-peixoto-dagnino>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- GAULT, J.L. O nascimento da ciência moderna: uma leitura de “A ciência e a verdade”. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 156–161, 2023.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GUIMARÃES, J.A.C.; MILANI, S.O.; EVANGELISTA, I.V. Valores éticos na organização e representação do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 20, n. esp 1, p. 19–32, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2015v20nesp1p19>. Acesso em: 13 out. 2025.

GUIMARÃES, J. A. C. **Currículo**: José Augusto Chaves Guimarães. Banco de Dados dos Pesquisadores da FAPESP. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/87384/jose-augusto-chaves-guimaraes/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

GUIMARÃES, J. A. C. **Perfil do autor**. Cultura Acadêmica. Disponível em: <https://www.culturaacademica.com.br/book-author/jose-augusto-chaves-guimaraes-org/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

HJØRLAND, B. Political versus Apolitical Epistemologies in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, Targore Lane, v. 47, n. 6, p. 461-485, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2020-6-461>. Acesso em: 13 out. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Access and Opportunity for All: How Libraries Contribute to the United Nations 2030 Agenda**. The Hague: IFLA, 2017.

JAPIASSU, H. F. As máscaras da ciência. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 13–15, 1977.

JAPIASSU, H. F. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KOYRÉ, A. “Uma experiência de medida”. **Estudos de história do pensamento científico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 299–309.

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LACAN, J. A ciência e a verdade. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MACDONALD, S.; BIRDI, B. The concept of neutrality: a new approach. **Journal of Documentation**, Leeds, v. 76, n. 1, p. 333-353, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JD-05-2019-0102>. Acesso em: 13 out. 2025.

MACHADO, H. A história é feita de histórias: a irrupção do novo segundo Alexandre Koyré. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, e1976, 2023. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1976>. Acesso em: 13 out. 2025.

MILANI, S. O. Uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.22, n. 2, p. 29-53, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2732>. Acesso em: 04 nov. 2025.

MILANI, S. O.; GUIMARÃES, J. A. C. Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica. **DataGramZero**, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/7304>. Acesso em: 04 nov. 2025.

MILANI, Suellen Oliveira. **Bias na Representação de Assunto**: uma discussão de oposições binárias nos FRSAD. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MILANI, S. O. **Currículo**: Suellen Oliveira Milani. Banco de Dados dos Pesquisadores da FAPESP. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/65024/suellen-oliveira-milani/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOTA, D.; SAMPAIO, D. B.; MARTINS, G. K. Regime de informação e a propagação da desinformação: os desafios do marco civil da internet e da lei das *fake News*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23, 2023, Aracajú. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2023.

NEUTRALIDADE. In: Michaelis online. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 13 out. 2025.

NORMANDO, P. *et al.* O mito da neutralidade na ciência. In: MAIA, T. Q. *et al.* **Teoria crítica da tecnologia**: experiências brasileiras. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. p. 15–19.

ODDONE, N. E.; MENEZES, V. S. Situando a epistemologia social no contexto da ciência contemporânea. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2010.

OJENNUS, P. Modelling advances in gatekeeping theory for academic libraries. **Journal of Documentation**, Leeds, v. 76, n. 2, p. 389-408, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JD-03-2019-0051>. Acesso em: 13 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo**: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. A/RES/70/1, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

PICCOLI, M. S. Q.; STECANELA, N. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e253818, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349253818>. Acesso em: 13 out. 2025.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 13 out. 2025

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, E. P.; ORRICO, E. G. D. Associação de Arquivistas no Brasil na década de 1970. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 5, n. 1-2, p. 93-109, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/73010>. Acesso em: 04 nov. 2025.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **UNESCO Science Report: the race against time for smarter development**. Paris: UNESCO, 2020.

WENZLER, J. Neutrality and Its Discontents: An Essay on the Ethics of Librarianship. **Libraries and the Academy**, Baltimore, v. 19, n. 1, p. 55-78, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/pla.2019.0004>. Acesso em: 13 out. 2025.

ZAMBONI, R. C. V.; FRANCELIN, M. M. Garantia cultural, garantia ética e hospitalidade na organização e representação do conhecimento. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 17, 2016, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2016.